

Grande São Paulo

50 anos depois, concretismo resiste em SP

São Paulo, 2 de julho de 2001 - Ausência de subjetividade e excesso de cores, linhas e formas geométricas. Assim é definido o movimento concretista, que começou no Brasil na década de 50. Meio século depois, ele continua vivo, principalmente em São Paulo, diferentemente de outras vanguardas, como o cubismo.

Só este ano, Luiz Sacilotto, de 77 anos, um dos criadores do concretismo no País, foi tema de duas exposições na capital - além da Galeria Sylvio Nery, que ainda está em andamento - e viu publicado um livro sobre sua obra. Hermelindo Fiaminghi, de 81 anos, que participou do movimento até 1960, também está expondo, junto com obras mais recentes, telas que pertenceram à tendência concretista. Ainda para este ano, está programada uma exposição na Galeria Brito Cimino com obras de Waldemar Cordeiro, líder intelectual dos concretistas paulistas.

As razões para o concretismo ter sobrevivido todos estes anos e ocupar, atualmente, os espaços de galerias e museus, pode ser explicada de duas formas. Segundo Enock Sacramento, autor do livro de Sacilotto, lançado em abril deste ano, o que garantiu que o movimento tivesse uma produção constante até hoje foi a singular organização do movimento, que teve início em 1952. Outra maneira de explicar a continuidade da arte concreta é a fidelidade de artistas, principalmente de Sacilotto, um dos maiores nomes dentro deste estilo.

O marco oficial do concretismo no Brasil é considerado a exposição Ruptura, que aconteceu no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM - SP), em 1952, com obras de Anatol Wladislaw, Geraldo de Barros, Kazmer Fejer, Leopoldo Haar, Lothar Charoux, Sacilotto e Cordeiro. Junto com a mostra, foi lançado um manifesto propondo um rompimento com tudo o que se fazia no Brasil naquele momento, principalmente a pintura naturalista e um abstracionismo considerado 'hedonista' pelos assinantes do manifesto. 'Este grupo provocou um impacto violento no Brasil, e o manifesto gerou muita polêmica. Foi o início da arte geométrica aqui', afirma Sacramento.

Embora 52 seja considerado o marco zero, antes disso artistas do grupo já produziam obras concretas. Cordeiro e Sacilotto vinham discutindo o movimento desde 47. Em 51, tiveram o impulso necessário para 'criar', de fato, o concretismo no País. Naquele ano, foi realizada a primeira Bienal de São Paulo, que trouxe ao Brasil obras de artistas alemães e suíços que já haviam aderido à arte geométrica. O suíço Max Bill, diretor da Escola Superior da Forma, saiu premiado com sua escultura Unidade Tripartida, que faz parte da mostra Bienal 50 Anos - Uma Homenagem a Ciccilio Matarazzo, até 29 de julho no prédio da Bienal.

A organização do concretismo levou o movimento a ser o único capaz de influenciar outros setores culturais, como a poesia - representada por Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos -, a arquitetura, a música e o desenho industrial. 'Os poetas concretos deram muita força ao movimento', diz Fiaminghi.

Com o movimento Ruptura prestes a comemorar 50 anos, galerias e museus tendem a destacar esse estilo em suas exposições. Sacilotto justifica a permanência do concretismo com a fidelidade dos artistas, principalmente os paulistanos. Por isso, o movimento é mais forte em São Paulo que no Rio de Janeiro. 'O concretismo não é como o cubismo e o expressionismo, que desapareceram', diz Sacilotto. Além dele, outro artista atuante na capital é Hércules Barsotti. 'No Rio, o grupo liderado por Ferreira Gullar abandonou o movimento na década de 70. Além disso, o concretismo tem mais a ver com as indústrias paulistas', diz Sacramento.

O trabalho concretista exige precisão, cálculo e conhecimento geométrico. Talvez a repetição das formas tenha afastado alguns artistas do movimento. 'Entrei no concretismo com liberdade e saí com liberdade. Muitos artistas estão amarrados até hoje', diz Fiaminghi, que participou do movimento de 56 a 60, mas, nas suas últimas obras, feitas em 97, não conseguiu se livrar dos círculos e os triângulos, característicos do telas concretas. (Gazeta Grande São Paulo/Página 6) (Michele Oliveira)